

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Duque de Santa Cruz e Príncipe Consorte (1810-1835)

CARLOS TASSO DE SAXE-COBURGO E BRAGANÇA

Marginal é a importância de Augusto de Leuchtenberg na História Europeia, todavia, ele foi o esposo de Dona Maria II e o primeiro Duque do Brasil.

Confesso que sinto uma certa emoção neste momento de falar sobre este ilustre personagem, ao lembrar que Dom Augusto foi presidente honorário desta venerável Academia, na qual o seu nome ainda reflete uma certa familiaridade.

Desejo omitir uma apresentação quanto à sua origem, a qual me parece bastante conhecida. Nunca foi publicada, todavia a sua árvore genealógica paternal, a qual nos levaria até a Martinica.

Limitadas são igualmente as fontes bibliográficas sobre a sua breve existência.

Os arquivos das Casas Reais da Suécia e da Baviera forneceram-me dados para elaborar um pequeno esboço biográfico desde jovem e simpático príncipe.

A família Beauharnais-Leuchtenberg surgiu nas crônicas europeias, depois do Congresso de Viena.

Eugênio, o filho adotivo de Napoleão, superou a derrocada do grande Corso, graças à acolhida do sogro, o Rei Maximiliano I da Baviera, o qual com o tempo o estimou como a um filho. Foi por este investido do Ducado de Leuchtenberg, cuja família se havia extinto. Grandes eram os meios financeiros do novo duque, ex-Vice-Rei de Itália e Príncipe de Veneza, o qual adquiriu, em seguida, o principado eclesiástico de Eichstätt. Este tradicional principado lhe proporcionou um assento na Câmara dos Príncipes Alemães.

A filha de Maximiliano I, a Princesa Augusta Amélia, realizou o conúbio com Eugênio, forçada pelo pai. Napoleão estava procurando uma esposa de alta linhagem para o seu filho adotivo, Eugênio. Uma “solicitação” do Imperador dos Franceses era uma ordem.

Maximiliano teve de ceder a filha, a qual já estava noiva do Grão-Duque de Baden, e assim, em troca, foi promovido por Napoleão, de Príncipe Reinante a

Rei da Baviera. Como sabemos, esta não foi a única ação semelhante na política napoleônica. Ninguém podia imaginar que esta ambiciosa princesa bávara conseguisse levar a família Leuchtenberg, por desforra, a uma grande notoriedade com a sua hábil política matrimonial.

A filha Josefina foi Rainha da Suécia; Amélia, Imperatriz do Brasil; Eugênia, Princesa de Hohenzollern; Theodolinda, Condessa de Württemberg e Duquesa de Urach, enquanto o filho Maximiliano casou-se com a Grã-duquesa Maria, filha do Tzar Nicolau I da Rússia.

Ficava Augusto, o filho primogênito, para o qual Augusta Amália ambicionava uma coroa, para completar o revide ao irmão, o futuro Rei Luís I da Baviera. Este não tolerava a intromissão dos Beauharnais-Leuchtenberg em Munique. Aparentemente, tratava com polidez o Príncipe Eugênio, mas, com os seus **íntimos, Luís se queixava que a «canaille bonapartienne»** ainda se encontrava na Baviera. A situação na corte, durante o reinado de Luis I, chegou a tal ponto que os filhos do Príncipe Eugênio, nos banquetes oficiais, tinham que comer com talheres não dourados, como as altezas reais, mas em pratos de qualidade inferior.

Augusto, nasceu perto de Milão, na Villa Bonaparte, em 9 de dezembro de 1810. A alegria dos pais, ainda no ápice do poder como vice-reis da Itália, foi imensa; foram distribuídas esmolos, feitas promoções e canceladas dívidas.

A Imperatriz Josefina, mãe de Eugênio, enviou, ao saber do nascimento do primeiro neto, presentes e calorosas felicitações. Napoleão desiludiu-os. Ele já tinha um herdeiro, o “Rei de Roma”, de maneira que os seus votos foram formais, pedindo ao mesmo tempo informações sobre problemas administrativos, sobre o estado das fortificações e o número de militares alistados para as suas várias campanhas.

Os anos se passavam, e Augusto, depois da fuga da família da Itália para Munique, realizou os estudos na capital da Baviera. O jovem príncipe teve a sorte de ser educado por ótimos professores. Foi aluno diligente, ótimo em matemática, interessando-se particularmente em ciências naturais e em arte. Formou-se, como era uso naquele tempo, na Academia da Cavalaria Bávara, em Ansbach.

Um momento muito importante na sua vida foi a viagem ao Brasil, acompanhando a irmã Amélia, que ia se casar com o Imperador Dom Pedro I.

Augusto ficou muito amigo de Dom Pedro, como o provam diversas cartas e a ajuda muito importante que recebeu para a coleta do material destinado ao estudo das ciências naturais.

Da viagem ao novo mundo ele trouxe não somente a importante coleção naturalística, mas sobretudo aquilo que aos Leuchtenberg mais interessava, o título de Duque de Santa Cruz, com a qualificação de “Alteza Real”.

Durante a permanência do cunhado no Rio, Dom Pedro o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem de Dom Pedro I, a mais alta insígnia do Império.

Ao regressar à Europa, depois dos vários meses passados no Brasil, dedicou-se a organizarem Eichstätt, a sua imponente coleção naturalística chamada “Gabinete Naturalístico Leuchtenberguense”.

Este, em seguida foi aberto ao público.

O famoso naturalista Mayr a classificou, muitos anos depois, como um “grande tesouro de fama mundial”.

Não somente por história natural Dom Augusto se interessava, mas também pela soberba pinacoteca herdada do pai. Com a morte de Dom Augusto, estas valiosas coleções de arte foram herdadas pelo irmão Maximiliano, que as levou para São Petersburgo.

Hoje, a pinacoteca Leuchtenberg constitui uma das maiores atrações do Hermitage.

Uma coroa para Augusto, no entanto, sempre continuava a excitar os Leuchtenberg, sobretudo a Duquesa Augusta Amália.

A primeira tentativa foi feita na Bélgica, que estava à procura de um rei. O jovem Augusto foi bem recebido e obteve na votação, em Bruxelas, 3.675 votos contra os 360 do ambicioso Duque de Nemours. O rei Luís Philippe, o qual sempre havia se mostrado tão amigo dos filhos do Príncipe Eugênio, vetou categoricamente o nome de Dom Augusto. Em política, “amizade” é uma palavra muito vaga.

O sonho belga tinha desvanecido. Era preciso procurar novas oportunidades.

A Duquesa Augusta Amália não perdia, no entanto, Portugal de vista. Dona Amélia, a filha “ex-imperatriz”, nessa altura residia em Lisboa, e mantinha a família informada sobre a situação política reinante no país. A sorte quis que uma rainha estivesse, apesar da pouca idade, à procura de um marido. Era uma ocasião que não se devia desperdiçar.

Conhecidas são as tentativas que chegaram aos esponsais de Maria II com Dom Augusto.

Dom Pedro IV tê-lo ia escolhido, não somente porque o julgava capaz de fazer a ventura da filha, mas também porque dava garantias de contribuir para a consolidação das instituições.

O jovem Leuchtenberg era simpático e professava ideias liberais. Agradava ao povo, e o seu ar distinto impressionava a aristocracia e as classes cultas do país. Falava razoavelmente o português, tinha uma instrução militar concluída e conhecia Maria da Glória desde criança.

No dia 1.º de setembro de 1834, as Cortes aprovaram o casamento da rainha com um príncipe estrangeiro.

Em 8 de novembro era assinado em Munique o contrato matrimonial por Ildefonso Bayard, o Conde Mejan, seguido pelo casamento por procuração, em Munique, no dia 1.º de dezembro.

Por volta do Natal, chegou na capital da Baviera a delegação lusa, trazendo uma carta da Rainha e também todas as condecorações portuguesas.

Antes da partida do jovem esposo de Munique, o Rei Luís I viu-se obrigado a oferecer um banquete ao novo Príncipe Consorte e a condecorá-lo com a Ordem de Santo Humberto.

No banquete, Augusto foi colocado em posição condizente com seu novo grão, e recebeu os talheres de *vermeille*. Não, porém, Maximiliano e a irmã Theodolinda, a qual, no seu diário anotou: “Acho que nunca poderei comer na Baviera com estes talheres dourados”.

No domingo, dia 25 de janeiro de 1835, após três dias de viagem, vindo da Inglaterra, Dom Augusto dava entrada no Tejo. No dia 26, os nubentes ratificaram a sua feliz união na Sé.

O jovem Augusto tinha chegado em sua nova pátria num momento de grande agitação política e social.

Em 23 de janeiro foi nomeado Marechal do Exército, e no dia 28 foi naturalizado português.

A última missiva enviada à mãe data do dia 21 de março, na qual escrevia: “Maria beija-lhe a mão. Ela é realmente crescida e se tornou mais bonita. Mas o importante é, todavia, que ela me encanta”. Parecia ser uma união muito feliz.

Por Carta Régia do dia 20 de março ele foi nomeado Comandante-em-chefe do Exército, o que a oposição radical qualificou de imprópria e anticonstitucional, devendo a Câmara discutir esta designação no dia seguinte.

Os acontecimentos, todavia, estavam tomando um outro rumo.

Nos primeiros dias de abril de 1835, chegava ao palácio Leuchtenberg uma carta dirigida à Duquesa Augusta Amália. Estava trajada de preto. O filho querido, Augusto, tinha falecido em 28 de março. Morreu com menos de 25 anos.

Foi um grandíssimo golpe para a jovem rainha.

Augusto morreu dizendo ao confessor que morria tranquilo, mas que estava muito triste de falecer sem ter podido fazer alguma coisa pela felicidade da Rainha e de Portugal.

A morte nunca foi totalmente esclarecida. Hoje ter-se-ia meios seguros para esclarecer a causa. Ocorreram grandes tumultos, pois falou-se em envenenamento. Para apaziguar os ânimos, uma comissão de vários médicos atestou que a morte havia sido natural.

Em apenas 6 meses a jovem rainha perdeu o pai e o marido.

Ficou viúva com apenas 16 anos.

A Soberana estava profundamente triste e no mais profundo luto, apoiada pela madrastra, que por sua vez estava desesperada com a morte do irmão.

No entanto, a política tinha pressa, mas pouca sensibilidade, desejando resolver o quanto antes o problema da consolidação das instituições monárquicas. Passados 10 dias após a morte do esposo apresentou-se um novo projeto de casamento à Dona Maria II, ainda traumatizada pelo terrível acontecimento.

Dom Augusto passou como um meteoro na história de Portugal. Não realizou na vida atos de heroísmo e nem esteve no centro de importantes acontecimentos políticos. Nasceu na Itália, foi educado na Baviera, esteve no Brasil, que admirou, casou em Portugal, que muito amou, assim como à sua jovem rainha, e onde a morte o colheu na flor da idade. Manteve-se sempre fiel à sua divisa “*tout pour la gloire et rien pour l’ambition*”.

Dos seus retratos, realizados por grandes mestres, como Stieler, Leiter, Hanfstängel e outros, podemos colher a força do seu caráter.

Ele aparece-nos como um jovem inteligente, honesto, cheio de esperanças, mas, igualmente, com uma dose de orgulho, quando nas suas imagens ostenta as condecorações dos reinos das duas irmãs, a Ordem de Dom Pedro I do Brasil e a Ordem dos Serafins da Suécia. Ele teve pouco tempo para se fazer retratar com as gloriosas Ordens Portuguesas que a rainha lhe havia enviado com a sua anuência ao casamento.

Convém recordar que Dom Augusto no fundo era um francês, um Beauharnais sob o manto alemão de Leuchtenberg, e eu, suponho que como tal foi aceito, pois viva ainda devia estar, à época, em Portugal, a lembrança da ocupação de Junot e da devastação e depredação de suas tropas.

Este príncipe consorte estava destinado ao esquecimento.

Uma nova e mais antiga estirpe reinaria na gloriosa terra lusa. Não se falaria mais dele por muitos anos, até que a história, às vezes lenta, mas inexorável, lhe fez justiça.

A título de curiosidade, convém recordar que Dom Augusto foi um fenômeno genealógico:

Foi cunhado e genro de Dom Pedro IV, cunhado de Dom Pedro II do Brasil e irmão da sua madrastra, marido da enteada da irmã, neto do Rei da Baviera e neto por adoção de Napoleão I.

Nós o lembramos e o apreciamos, todavia hoje, como o marido de uma grande rainha.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 12 DE NOVEMBRO DE 2019)

BIBLIOGRAFIA

- Arquivo Bernadotte, Estocolmo
- Arquivo Leuchtenberg, Munique
- Arquivo Museu Impérial, Petrópolis
- Bayern, A., *Prinz von-Eugen de Beurnais, der Stiefsohn Napoleons*. F. Bruckmann, München, 1950.
- Bayern, A. P. von, *Die Herzen der Leuchtenberg*. Prestei Verlag, München, 1953.
- Bonifácio, M.^a F., *D. Maria II - Temas e Debates*. Lisboa, 2007.
- Braga, P. D., *D. Maria II, uma Mulher entre a Família e a Política*. M, Lisboa, 2019.
- Bragança, D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e, *A Princesa Flor Dona Maria Amélia*. Região Aut. Da Madeira, Funchal, 2009.
- Cunha, R. V. da, *Do Título Ducal de Santa Cruz*. Archivo Nac. Rio de Janeiro, 1975.
- Krauss-Meyl, S., *Maria Leopoldina, Bayerns letzte Kurfürstin*. Verlag F. Pustet, Regensburg, 2002.
- Lemos, E. de, *Dona Maria II*, Lisboa, 1954.
- Martins, M.^a M. L., *D. Augusto de Leuchtenberg e Santa Cruz -Contributo para uma Biografia*. Univ. de Lisboa, Colibri, 2001.
- Maayr, F. X., *Das Leuchtenbergische Naturalien Kabinett in Eichstädt*. apud *Sammelblatt des Historischen Vereins Eichstätt*, N.º 68, 1975, pag. 43/53.
- Oberacker Jr., C. H., *O Duque de Santa Cruz, Augusto de Leuchtenberg e o Brasil*. Apud, *Geschichte von Staat, Wirtschaft u, Geschichte Lateinamerika*. Vol. 26, Böhlau Verlag, 1989.
- Pimentel, A., *A Corte de D. Pedro IV*. Lisboa, 1972.

-
- Reiser, R., *Das Ismaninger Schloss*. Gemeinde Ismaning, 1992.
- Rodrigues, A. M.^a S. A. (Coord.), *Casamentos da Família Real Portuguesa – Diplomacia e Cerimonial*. Circulo Leitores, 2 Vol., Lisboa, 2017.
- Schmidt, M.^a J., *A Segunda Imperatriz do Brasil — Amélia de Leuchtenberg*. Comp, Melhoramentos, São Paulo, 1927.
- Spreti, G. F. von *Das Reisejournal, Brasikianische Kaiserhochzeit 1829*. München, 2008.
- Torres, L. L., *Imperatriz Dona Amélia*. S. Paulo. 1947.
- Vidal, F. G. P., *Descendência de S. M. El-Rei o Senhor Dom João VI*. Guimarães a Cia. Ed. Lisboa, 1923.
- Zunker OSB, M.^a M., *St. Walburg in Eichstätt*. Kunstverlag .1 Fink, 2002.
- Zuquete, A. E. M., *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa, 1961.